

TERRITORIAL



As mortes decorrentes de intervenção policial aumentaram 55% nos últimos dois anos, chegando a 5.159 pessoas em 2017. Essa exacerbada truculência no combate à criminalidade e a decorrente violência demonstra não só sua ineficácia, mas também colabora para o agravamento destas situações.

VIOÊNCIA LETAL POLICIAL PROPULSIONA HOMICÍDIOS NO BRASIL

Por muitos consideradas símbolo de eficiência policial diante do aumento da criminalidade, as mortes cometidas por policiais mostram o descontrole da política de segurança pública brasileira. Em outros países com políticas de segurança pública mais eficientes, esta “postura ativa”, no linguajar policial brasileiro, é normalmente considerada reflexo de falta de comando e de treinamento policial para agir de forma inteligente e coordenada diante de uma situação crítica.

Os jornais e principalmente os moradores das periferias colecionam histórias de injustiças cometidas e, por vezes, encobertas. É de se esperar que entre as 5.159 pessoas assassinadas pela polícia em 2017, existam centenas, ou milhares, de ‘Amarildos’. Muitos destes crimes são acompanhados pela impunidade, sendo este um dos principais fatores para o fortalecimento das milícias cariocas, por exemplo.

Há de se fazer justiça com o risco da profissão e demonstrar respeito aos 367 policiais civis e militares mortos (77 em serviço e 290 fora de serviço) no mesmo ano, mas a estatística dos assassinatos mostra

que essa violência exacerbada não vem dando certo pra nenhum dos lados.

O homicídio policial

Dos dez estados onde a polícia proporcionalmente mais mata, oito são das regiões Norte e Nordeste do país. Entre estes destacam-se no Norte o Amapá, com a Taxa de Homicídios por Intervenção Policial (THIP) de 8,5 por 100 mil habitantes, a maior do país, e Acre e Pará, ambos com THIP de 4,6; além da Bahia, no Nordeste, com 4,4. Com a segunda maior THIP do país, o Rio de Janeiro também se destaca negativamente nesta lista, com 6,7 mortos por 100 mil habitantes e cerca de 1.127 pessoas assassinadas por policiais em 2017. A THIP fluminense é maior do que a Taxa de Homicídios total (TH) de países como Afeganistão (6,6%), Argentina (6,5%) e Cuba (4,7).

Por outro lado, os estados onde a polícia é menos letal são Rondônia e Distrito Federal, com THIP respectivas de 0,3 e 0,1.

A Taxa de homicídios

A tabela 1 mostra que os estados das regiões Nordeste e Norte também concentram as maiores taxas de homicídio do país, especificamente as dez maiores. A violência se destaca no Rio Grande do Norte (TH de 68),

Acre (63,9) e Ceará (59,1). Os estados menos violentos são São Paulo (TH de 10,7) e Santa Catarina (16,5). São Paulo, no entanto, foi alvo de críticas em 2015 ao mudar sua metodologia de cálculo de homicídios, passando a não contabilizar nestas estatísticas as mortes cometidas por PMs de folga em legítima defesa.

Tabela 1. Taxas de Homicídio (TH) e Taxa de Homicídios por Intervenção Policial (THIP)

Unidades Federativas e Brasil	Taxa de homicídios cometidos por policiais - 2015	Taxa de homicídios cometidos por policiais - 2017	Taxa de Homicídios 2015	Taxa de homicídios 2017	Varição da taxa de homicídios cometidos por policiais entre 2015 e 2017	Varição da taxa de homicídios entre 2015 e 2017
Amapá	2,6	8,5	38,2	53,9	5,9	15,7
Acre	1,2	4,6	27	63,9	3,4	36,9
Rio de Janeiro	3,9	6,7	30,6	40,4	2,8	9,8
Tocantins	0,7	3,0	33,2	26,6	2,3	-6,6
Pará	2,4	4,6	45	53,4	2,2	8,4
Bahia	2,3	4,4	39,5	45,1	2,1	5,6
Sergipe	1,9	3,9	58,1	55,7	2,0	-2,4
Goiás	2,1	3,9	45,3	39,3	1,8	-6,0
Rio Grande do Norte	2,2	4,0	44,9	68	1,8	23,1
Alagoas	2,9	4,2	52,3	56,9	1,3	4,6
Pernambuco	0,5	1,3	41,2	57,3	0,8	16,1
Ceará	1	1,8	46,7	59,1	0,8	12,4
Espírito Santo	0,6	1,0	36,9	37,4	0,4	0,5
Paraíba	0,4	0,7	38,3	31,9	0,3	-6,4
Mato Grosso	0,2	0,5	36,8	31,5	0,3	-5,3
Piauí	0,6	0,9	20,3	20,2	0,3	-0,1
Minas Gerais	0,5	0,8	21,7	19,6	0,3	-2,1
Maranhão	1,3	1,6	35,3	29,4	0,3	-5,9
Santa Catarina	0,9	1,1	14	16,5	0,2	2,5
Rio Grande do Sul	1	1,2	26,2	26,7	0,2	0,5
São Paulo	1,9	2,1	12,2	10,7	0,2	-1,5
Amazonas	0,8	1,0	37,4	31,3	0,2	-6,1
Roraima	1	1,1	40,1	44	0,1	3,9
Paraná	2,2	2,3	26,3	22,6	0,1	-3,7
Distrito Federal	0,3	0,3	25,5	18,2	-0,0	-7,3
Mato Grosso do Sul	1,5	1,4	23,9	20,8	-0,1	-3,1
Rondônia	0,5	0,1	33,9	28,1	-0,4	-5,8
Brasil (total)	1,6	2,5	28,9	30,8	0,9	1,9

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública/Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Versão do documento: retificação de setembro de 2018.

O crescimento da violência

No período de 2015 a 2017, a taxa de homicídios do país cresceu de 29,9 a 30,8 mortes por 100 mil habitantes. Com o crescente número de assassinatos nos últimos anos (63.895 somente em 2017), o Brasil se tornou o país onde mais se matam pessoas no mundo. A taxa de homicídios brasileira está entre as quinze maiores do planeta.

Regionalmente, esta violência vem aumentando sobretudo nas já citadas regiões Norte e Nordeste, bem como no Rio de Janeiro. Os estados com maior variação positiva no índice de homicídios entre 2015 e 2017 fo-

ram Acre (crescimento de 36,9 pontos), Rio Grande do Norte (23,1), Pernambuco (16,1) e Amapá (15,7). Por outro lado, apresentaram as maiores reduções o Distrito Federal (-7,3 pontos), Tocantins (-6,6) e Paraíba (-6,4).

É inegável que este crescimento mais significativo da TH possui um forte vínculo com a expansão da maior facção criminosa do país, o PCC (Primeiro Comando da Capital), que procura se consolidar nas regiões Nordeste e Norte, uma vez que em São Paulo, diante da omissa gestão estadual tucana de Alckmin e Serra, se expandiu nos moldes de uma grande empresa. A

“sorte” de São Paulo é que o PCC percebeu há muito tempo que o conflito e a violência não geram lucros, fazendo com que o estado aparente estar estatisticamente num grau de segurança pública bem melhor, quando, na realidade, se encontra numa panela de pressão, que poderá explodir assim que o PCC se sentir contrariado em alguns de seus interesses.

Este crescimento da TH só comprova a precariedade da atual política de segurança pública nacional, baseada em ações desproporcionalmente violentas nas ruas, no encarceramento em massa e maus tratos dentro do sistema prisional, que acabam por arregimentar ainda mais integrantes à estas facções criminosas.

Um dos aspectos estatísticos que começam a demonstrar a ineficácia da violência policial no combate ao crime é a constatação de que mesmo o aumento substancial desta violência letal não conseguiu reduzir a taxa de homicídios nos últimos anos. Em 2013 foram 2.212 pessoas assassinadas, em 2017 foram 5.159. Apenas entre 2015 e 2017, a THIP elevou-se em 56,2% (de 1,6 para 2,5), enquanto a TH cresceu 6,6% (de 28,9 para 30,8).

Regionalmente, entre 2015 e 2017, a THIP aumentou principalmente no Amapá (5,9 pontos percentuais), no Acre (3,4pp) e no Rio de Janeiro (2,8pp). A violência letal policial reduziu somente em dois estados, e de forma modesta, no Mato Grosso (-0,1 pp) e Rondônia (-0,4 pp).

Violência policial: impulsionadora dos homicídios

Por comparação simples pode-se perceber que na grande maioria dos estados onde a violência policial letal aumentou a violência não se reduziu, ao contrário. Entre 2015 e 2017, nos estados do Amapá, Acre e Rio de Janeiro, os três onde a THIP mais cresceu, a TH cresceu 41,1%, 136,7% e 32% respectivamente.

Por outro lado, em Rondônia e no Mato Grosso do Sul, onde a violência policial reduziu em 0,4 pp e 0,1 pp respectivamente, a TH também se reduziu, em 5,8pp e 3,1 pp.

As 919 mortes a mais cometidas por policiais em 2017 em relação a 2016, corresponderam a 40% dos 2.298 homicídios a mais que ocorreram no país no mesmo período. Esta contribuição matemática para o aumento no número e taxa de assassinatos total é lógica e indiscutível. No entanto, a proporção da THIP em 2017 (2,5) corresponde somente a 8,1% da TH total do país no mesmo ano (30,8). Isto demonstra que a contribuição da violência policial para o aumento da TH é mais complexa, e o ditado que diz “violência gera violência” começa a fazer cada vez mais sentido. Estatisticamente, a atuação policial na repressão aos crimes funciona como um indutor da violência, e não como redutor, no sentido contrário dos crescentes discursos de parte das lideranças políticas e da população, de que precisamos de uma atuação policial ainda mais letal.

Tabela 2. Resumo do modelo estatístico

Faixa de variação da taxa de homicídios cometidos por policiais entre 2015 e 2017	Média da variação da taxa de homicídios cometidos por policiais entre 2015 e 2017	Média da variação da taxa de homicídios entre 2015 e 2017
Acima de 2 pp	3,0	9,6
Entre 1 e 1,9 pp	1,6	7,2
Entre 0,1 e 0,9 pp	0,3	0,3
Inferior ou igual a zero	-0,2	-5,4

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Tabela 1 deste documento.

A Tabela 2 resulta de um agrupamento dos resultados da variação das TH e THIP por faixa de variação da THIP entre 2015 e 2017. A categoria que abarca os estados da federação que tiveram uma variação superior a 2 pontos percentuais neste quesito apresentou variação média da THIP de 3 pp e uma variação média da TH de 9,6 pp. A segunda categoria, que abarca a

faixa de 1 a 1,9 pp de crescimento da THIP, apresentou crescimento médio de 1,6 pp neste quesito e 7,2 pp na Taxa de Homicídios. Estes resultados reforçam a hipótese, a ser estatisticamente testada adiante, de que quanto mais cresce a violência policial, pior fica a segurança pública da população brasileira.

A categoria mais diversa de resultados é a de estados com variação positiva da THIP até 0,9 pp entre 2015 e 2017. Com a média da variação de ambas variáveis em 0,3, pode-se supor que o aumento mais sutil da violência letal policial possui baixa ou muito baixa influência nos resultados da TH.

Por fim, pode-se observar um resultado alvissareiro: os três estados que apresentaram redução da violência policial no período analisado também obtiveram redução nas respectivas taxas de homicídio, em média de 5,4 pp.

Desta forma fica confirmada a tese de que o aumento excessivo dos homicídios cometidos por policiais acaba por gerar ainda mais assassinatos em retorno a estas ações.

Estes resultados também levantam uma preocupação com o futuro próximo. Com candidatos à Presidência como Jair Bolsonaro, que defende tão explicitamente o aumento da violência policial e que incita diferentes tipos de violência em seus discursos, a estatística e o bom senso apontam que poderemos ter de nos adaptar a um cotidiano com ainda mais assassinatos e hostilidades, seja de ladrões, policiais ou “cidadãos de bem”.

Resultados como estes demonstram a prioridade que

devem merecer outras práticas de segurança pública em detrimento da violência policial, seja na reforma do sistema penitenciário, no uso da inteligência para prevenção da violência, na alteração das políticas de redução de homicídios ou combate à drogadição e no investimento de qualificação e valorização do profissional de segurança do país.

Sobre o Modelo estatístico

Para verificar e mensurar esta tese, foram analisadas diretamente as duas variáveis de oscilação das THIP e TH entre 2015 e 2017, como disposto na Tabela 1. A hipótese estatisticamente testada é que as oscilações da variável independente “Variação da Taxa de Homicídios por Intervenção Policial” influenciam diretamente as oscilações da variável dependente “Variação da Taxa de Homicídios”. Para tal foi elaborado inicialmente um histograma de dispersão, que apontou a relação linear entre as duas variáveis citadas. Em seguida foram utilizadas as técnicas de “Coeficiente de Correlação de Pearson” e “Regressão Linear”.

Tabela 3. Resumo do modelo estatístico

R (correlação de Person)	R quadrado	Erro padrão da estimativa	Significância	Durbin-Watson
0,588	0,346	8,733	0,001	1,4

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Tabela 1 deste documento.

A tabela 3 apresenta uma síntese dos resultados destes cálculos. Pode-se observar nela que o Coeficiente de Correlação de Pearson entre a variável independente e a dependente foi de 0,588. Sendo então comprovado que há uma associação estatística de nível moderado entre estas variáveis, o que permite partir para a análise seguinte.

A probabilidade de significância indica, sinteticamente, a probabilidade de nulidade da hipótese. É estatisticamente aceitável que o resultado de até 0,005 indique a inexistência desta nulidade. Neste caso, o resultado de 0,001 dá muita confiabilidade a este resultado.

O indicador teste Durbin-Watson analisa a correlação entre os resíduos (outliers) resultantes da amostra, como por exemplo os estados de Tocantins, Sergipe e Goiás, que apresentaram reduções nas respectivas TH

apesar do aumento significativo das THIP. A existência de uma correlação entre estes *outliers* invalidariam a tese de que o aumento da oscilação da THIP também gera um crescimento da oscilação da TH, ao invés de reduzi-la. E esta correlação não ocorreu: o resultado de 1,4 demonstra que não há tal correlação, uma vez que a variação aceita para Durbin-Watson vai de 1 a 3 (Field, 2009), comprovando estatisticamente a confiabilidade da mesma e da tese, apesar do desequilíbrio ocasionado pelos *outliers* apresentados.

Possivelmente o indicador mais importante desta tabela seja o “R quadrado”, ele indica objetivamente que os resultados da variável “Variação da THIP” (onde 88,9% dos resultados apontam para o aumento da letalidade policial) influenciam em 34,6%, no mesmo sentido, os resultados da variável “Variação da TH”, sejam para aumentá-la ou reduzi-la.